

ISSN 1519-311X

galáxia

REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA, CULTURA

Catálogo na fonte - Biblioteca Nadir Gouvêa Kfouri / PUC-SP

Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura / Programa Pós-Graduado em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. - n. 6 (outubro 2003). - São Paulo : EDUC; Brasília: CNPq, 2003.

Semestral
ISSN 1519-311X

1. Comunicação e Semiótica - Periódicos I. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica.

CDD-302.205

 CNPq
 educ

6
[outubro 2003]

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

CO ORDENAÇÃO

José Luiz Aídar Prado (Coordenador)
José Amálio Pinheiro Branco (Vice-Coodenador)

DESIGN E PRODUÇÃO

Ricardo Assis
Heloísa Hernandez

EDITORA CIENTÍFICA

Irene Machado

HOMEPAGE

www.pucsp.br/~cos-puc/galaxia

EDITORES-ADJUNTOS

Mirna Feitoza Pereira
Yvana Fechine

WEB DESIGNER

Patrícia Borges Vicente

COORDENADOR DO CONSELHO CIENTÍFICO

Eugênio Trivinho

DIVULGAÇÃO

Raquel Rennó

REVISÃO

Irene Machado
Jeová Rocha (inglês)

IMAGENS DA CAPA

Gestos, Antoni Muntadas
(cortesia da artista)

CONSELHO CIENTÍFICO

Membro honorário *in memoriam*: Haroldo de Campos

Albino Rubin (UFBA) • Amálio Pinheiro (PUC-SP) • Ana Cláudia Mei de Oliveira (PUC-SP) • Ana Maria Goldfarb (PUC-SP) • André Lemos (UFBA) • André Parente (UFRJ) • Antonio Fausto Neto (UNISINOS-RS) • Arlindo Machado (PUC-SP) • Boris Schnaiderman (USP) • Cesar Guimarães (UFMG-MG) • David Scott (Trinity College, Dublin-Irlanda) • Diana Luz P. de Barros (USP-SP) • Dulcília Buitoni (USP-SP) • Eduardo P. Cañizal (USP-SP) • Elaine Caramella (UNESP-Bauru-SP) • Eliseo Cólón Zayas (Universidade de Porto Rico) • Eric Landowski (Centre National de la Recherche Scientifique, França) • Etienne Samain (UNICAMP-SP) • Fernão Ramos (UNICAMP-SP) • Floyd Merrel (Purdue University-EUA) • Gören Sonesson (Lund University-Suécia) • Helena Katz (PUC-SP) • Immacolata Lopes Vassalo (USP-SP) • Ione Bentz (UNISINOS-RS) • Ivo A. Ibrí (PUC-SP) • Jerusa P. Ferreira (USP, PUC-SP) • Jesús Martín-Barbero (Universidade do México) • João Queiroz (PUC-SP) • José Luiz Fiorin (USP-SP) • José Romera Castilho (Revista *Signa*-Espanha) • Júlio Pinto (UFMG-MG) • Juremir Machado da Silva (PUC-RS) • Lauro B. da Silveira (UNESP-Marília-SP) • Lauro Zavalla (Universidad Autónoma Metropolitana-México) • Lúcia Santaella (PUC-SP) • Lúcia Teixeira (UFF-RJ) • Lucrecia D'Állesio Ferrara (USP-SP) • Lucrecia Escudero (Revista *De Signis*) • Marcos Palácios (UFBA-BA) • Muniz Sodré (UFRJ-RJ) • Peeter Torop (Tartu University-Estônia) • Roland Posner (Technical University of Berlin) • Sérgio Porto (UnB-DF) • Silvia Borelli (PUC-SP) • Solomon Marcus (Romênia) • Sonia Regis (PUC-SP) • Vera Chaia (PUC-SP) • Wilson Gomes (UFBA) • Winfried Nöth (Universität Gesamthochschule Kassel-Alemanha) • Thomas A. Sebeok (Indiana University-EUA) *in memoriam*.

Sumário

Editorial | *Editorial*

Fórum – Imagens misturadas | *Forum – Mixed Images*

- 25 Claro e confuso: a mistura de imagens no cinema – Jacques Aumont
Clear and confused: mixing images in the cinema

Artigos | *Articles*

- 67 Cultura e conflito: lições da cidade de Atenas na guerra do Peloponeso – Eduardo Neiva
Culture and conflict: lessons of the city of Athens during the Peloponnesian War
- 105 Perspectivas: uma confrontação entre as representações perspectivadas, o conhecimento científico acerca do espaço e a percepção cotidiana – Suely Fragoço
Perspectives: confrontation between perspectivistic representation, the scientific knowledge on space and the everyday perception
- 121 Construção da mentira em *Paisaje Cubano con Lluvia* de Leo Brouwer: uma análise semiótica – Sidney Molina
The Construction of lying in "Paisaje Cubano con Lluvia" by Leo Brouwer: a Semiotic Analysis

- 145 Uma aproximação analítica do formato televisual do *reality show* *Big Brother* – Fernando Andacht
Analytical approach of the televisual genre of the Big Brother reality show
- 165 Novas tecnologias, antigos mitos: apontamentos para uma definição operatória de imaginário tecnológico – Erick Felinto
New Technology, Ancient Myths: notes for an operational definition of technological imaginary

Diálogo | Dialogue

- 191 Espaço, *design*, cultura – Ane Shirley de Araújo, Elaine Caramela, Eugênio Fernandes Quiroga, Lucrécia D'Aléssio Ferrara, Luís Antônio Jorge, Maria Angela F. Pereira Leite, Mônica Bueno
Space, Design, Culture

Entrevista | Interview

- 213 O documentário como encontro: entrevista com o cineasta Eduardo Coutinho – Alexandre Figueirôa, Cláudio Bezerra, Yvana Fachine
The Documentary as a meeting: interviewing the filmmaker Eduardo Coutinho

Projeto | Project

- 233 Gestos – Antoni Muntadas
Gestures

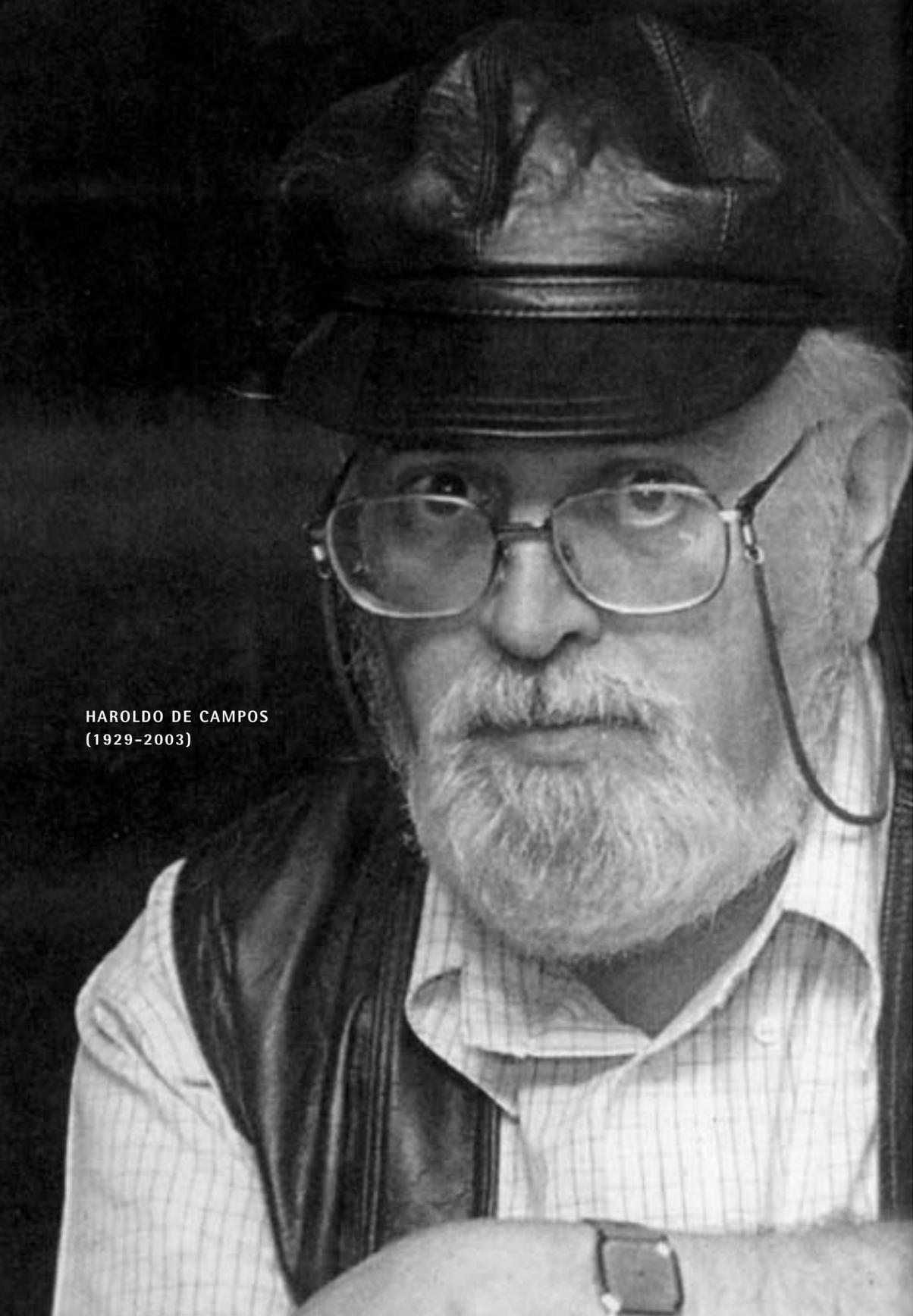
Resenhas: livros, áudio, hipermídia | Review: books, audio, hypermedia

- 243 Muito além das grades: documentário sobre Carandiru – Luíza Barros
Beyond the Iron Railings: a documentary film about Carandiru
- 249 Axé, Glauber! – Josette Monzani
Axé, Glauber!

- 255 Identidade nacional à luz do olhar estrangeiro – Alexandre Figueirôa
National identity through a foreign gaze
- 259 Cidade, multiplicidade e fluxos culturais – Raquel Rennó
City, Multiplicity and Cultural Fluxes
- 267 Tramas telejornalísticas em época de eleições – J.S. Faro
News television narratives in election periods
- 275 Anatomia do prazer e da polêmica – Vander Casaqui
Anatomy of pleasure and polemics
- 283 Uma proposta transitória e pragmática para a comunicação – Geraldo Carlos do Nascimento
A transitory and pragmatic proposition for communication

Notícias | News

- 291 Ilya Prigogine: entre o tempo e a eternidade – Jorge Albuquerque Vieira
Ilya Prigogine: between time and eternity
- 303 Arte por décadas: testes sobre a arte dos últimos 50 anos – Júlio Plaza
- 309 Evocação de Júlio Plaza – Jerusa Pires Ferreira
Evoking Júlio Plaza



HAROLDO DE CAMPOS
(1929-2003)

escrita fora de hora
(para haroldo)

camarada morte
bate à porta
mais uma vez.

está na copa.
toma um cafezinho
na cadeira de balanço.

anna akhmátova
aguarda
com o manto da poesia sobre os ombros

– a vida (*o instante*)
é pluma
seu holograma
radia
dourado
(o peixe na panela de barro)
explode
(mais uma vez)
a palavra topázio

MÔNICA RODRIGUES DA COSTA

MÔNICA RODRIGUES DA COSTA é poeta (autora, dentre outros, de *Era tudo sexo*), jornalista, editora de *Folhinha (Folha de S. Paulo)* e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

IN MEMORIAN HAROLDO DE CAMPOS (1929-2003)

Quem acompanha as edições de *Galáxia* desde sua criação em 2001, sabe muito bem o que Haroldo de Campos significa para a revista. Sem seu estímulo, sua confiança, seu empenho e sua generosidade, *Galáxia* simplesmente não existiria. Haroldo não hesitou, em nenhum momento, em batizar a revista do programa de pós-graduação do qual ele fora um dos fundadores, a partir do título de um de seus mais radicais poemas: *Galáxias* (). Se, no início, tínhamos a pretensão de criar uma publicação tão séria e problematizadora quanto a obra do poeta e mestre, logo em seguida percebemos que vincular a revista à poética de Haroldo de Campos tornara-se um desafio que teria de ser vencido em cada edição. Assumimos o compromisso com todos os riscos que nele estão implicados. Contudo, não esperávamos que a vida fosse nos privar tão cedo de sua companhia, de seus estímulos, de sua inteligência, de sua apaixonada generosidade.

Apesar do abalo de sua morte, não podemos deixar de reconhecer o privilégio de ter merecido sua confiança, de ter desfrutado de sua companhia, de ter compartilhado da exuberância de suas idéias. *Galáxia* é e continuará sendo uma singela homenagem ao Haroldo que não morre. Esperamos, assim, continuar o legado de luta e ousadia que ele persistentemente nos transmitiu ao longo de todos esses anos.

O que se segue nessas páginas acrescentadas às pressas à edição não é uma homenagem formal, mas simplesmente gestos emotivos de pessoas iluminadas que conseguiram dar expressão poética à dor funda que tomou conta de nós. O poema de Mônica Rodrigues Costa foi escrito no momento em que Haroldo começou a partir na madrugada de 16 de agosto. O texto de Leda Tenório da Mota foi lido na missa de sétimo dia. *Galáxia* agradece a generosidade da poeta e da crítica em ceder seus textos, afinal, poesia e crítica foram as grandes paixões de Haroldo.

Mais uma vez, o brinde da imagem vem de Carmem Campos, a exemplo da foto que ela gentilmente nos cedeu para *Galáxia* 1. Não posso deixar de repetir aqui uma das mais comoventes declarações de amor que um poeta poderia dizer à sua amada. O poeta Haroldo de Campos disse repetidas vezes: "Sem a Carmem não há salvação".

IRENE MACHADO

PARA HAROLDO DE CAMPOS

Com sua barba de Homero, Haroldo de Campos partiu exemplarmente, no momento em que terminou de traduzir a *Iliada*. Só a grandeza desse ponto final já deveria nos alertar para a imprudência de encerrá-lo em qualquer definição. Não há rótulo que comece sequer a resumir a obra do poeta e do pensador que foi Haroldo de Campos.

Deixando ao futuro a incumbência de avaliar sua poesia, que foi ficando cada vez mais cósmica e filosófica – ou dantesca –, e deve equipará-lo aos mais importantes poetas do século XX, nesta homenagem, eu gostaria de relacionar, muito resumida e provisoriamente, os outros motivos pelos quais temos de ser gratos a Haroldo de Campos.

Aos que amam a literatura e as artes, Haroldo de Campos ensinou, em primeiro lugar, que a prática e o comentário da literatura e das artes passam pelo conhecimento aprofundado delas, em toda a sua extensão, da modernidade mais provocadora à mais alta tradição. Homero, aliás, tinha tudo a ver com isso. E não só Homero mas a poesia provençal, a fonte da lírica no ocidente, de onde foi tirada a palavra "noigandres", com a qual o grupo de Haroldo se ungiu, mostrando já com isso a que vinha.

Colaborando com nosso avanço no conhecimento da tradição e da modernidade, e em última instância filiado ao grande vôo romântico, que não foi nacionalista mas, pelo contrário, foi tradutório, Haroldo de Campos poliglota verteu para a nossa língua, de modo virtuosístico, monumentos literários de todas as épocas, sem o domínio dos quais não poderíamos sequer começar a pensar em tratar seriamente de literatura. A ele devemos inclusive a tradução poética do episódio bíblico da Torre de Babel, com o quê confirmou linda frase de Borges segundo a qual todo homem culto é um teólogo. Diga-se pois, em segundo lugar, que o tradutor nos legitimou em poética.

Mas em paralelo à contribuição da tradução – que gostava de ver como o signo da reconversão de Babel em Pentecostes, que é a multiplicação das línguas na forma do milagre, e não mais do castigo – Haroldo de Campos produziu, em terceiro lugar, uma obra crítica, da qual as traduções mal se separam, baseada numa rara dupla competência. A competência do *scholar*, de muitos recursos teóricos, informado sobre todas as correntes de pensamento que contaram no século XX, e a competência do estilista, capaz de interpretar os textos enquanto artífice de textos ele mesmo, a partir da física dos discursos, como ele gostava de dizer, até porque não separava o pensamento poético do cosmológico. Haroldo de Campos tradutor é

bem conhecido. Quanto ao Haroldo de Campos crítico – que nos deixa 16 volumes de estudos literários –, o que ainda é preciso dizer é que mostrou que, em matéria de comentário da literatura, o diferencial é a própria literatura.

Em quarto lugar, como pensador do Brasil a partir de suas artes – e não o contrário – Haroldo de Campos nos ensinou que não existe cultura conclusa, nem cultura que não se defina em diálogo com outras culturas. Preparou-nos assim para a ver a cultura brasileira como parte integrante da ocidental. Com isso, modificou nossa interpretação do país, salvou o artista brasileiro da condenação a ser um imitador do que se faz fora, mostrou que os infantes americanos nada ficam devendo ao Ocidente por terem entrado nele, no século XVI, com o bonde andando, e contou de outro modo a história da colônia e do Barroco literário.

Antes de Haroldo de Campos, nós pensávamos que o Barroco brasileiro era só o arquitetônico e o escultórico. Nesse ponto, ao mostrar que houve aqui, no nosso século XVII, um grande Barroco poético, continuador da Idade de Ouro Ibérica, que nos vinculava ao melhor ramo da literatura européia do período, a inflexão de sua obra crítica foi decisiva, e certamente ainda levaremos tempo para avaliá-la por completo.

Falemos, em quinto lugar, do polemista elegante. Para fazer valer essa outra interpretação do Brasil – tão menos derrotista quanto a palavra “noigandres”, amuleto anti-*spleen*, tem a ver com alegria, e o poema concreto é, em geral, um epigrama feliz –, Haroldo de Campos polemizou com as correntes críticas brasileiras estabelecidas e com as idéias feitas acerca da nossa cultura do modo mais civilizado, desconstruindo argumentos e convidando ao diálogo, de dentro de algumas obras magistrais. Inaugurou assim um novo estilo de embate crítico no país, onde, até o final dos anos 1980, o estilo era ainda o desafio, gênero herdado da retórica retumbante de nossos primeiros críticos de rodapé do século XIX.

Afetuosamente, Haroldo de Campos foi – em quinto e último lugar, e talvez mais importante – um bom amigo. É próprio do espírito de vanguarda – embora o espírito de vanguarda não dê conta de Haroldo de Campos – o entusiasmo que o levou a criar laços com jovens talentos brasileiros, das mais diferentes áreas, que o reconhecem, hoje, como um mestre, sem o qual não se teriam sentido autorizado a fazer seu caminho. Assim como pertence ao mundialismo que foi a divisa generosa da primeira vanguarda da história da literatura, a romântica – à qual Haroldo de Campos filia-se forçosamente – a freqüentação do mundo estrangeiro. Ora, Haroldo de Campos também criou laços com estrangeiros ilustres, que o tomaram, sem nenhum favor, como um par, e que difundiram seu nome no exterior. Fato que, juntamente com os muitos prêmios importantes que recebeu ali, só faz honrar o Brasil.

De todas essas coisas, que não começam sequer a definir Haroldo de Campos, fiquemos com a divisa contra-melancólica da palavra “noigandres” e nos alegremos, apesar da tristeza de perdê-lo, com o tamanho da herança que ele nos deixa.

LEDA TENÓRIO MOTTA

Missa de Sétimo Dia na Capela da PUC/SP
São Paulo, 21 de agosto de 2003.

LEDA TENÓRIO DA MOTTA é professora do PEPG EM Comunicação e Semiótica da PUC-SP, crítica literária e tradutora. Em 2003, por ocasião dos cinquenta anos do lançamento do Grupo Noigandres, publicou um volume dedicado à obra crítica de Haroldo de Campos: *Sobre a crítica literária brasileira no último meio século* (Rio de Janeiro: Imago).



Editorial | *Editorial*

Um dos propósitos que tem orientado a edição de *Galáxia* é a publicação de trabalhos que provoquem discussões e sejam capazes de introduzir abordagens e metodologias de estudo na área de sua competência a partir, prioritariamente, de um ponto de vista semiótico. O que rege essa "carta de intenções" é a divulgação de temas e problemas atuais, inovadores e norteadores do pensamento. Até agora a sorte não nos deixou à deriva graças, sobretudo, à confiança que os colaboradores depositam na revista.

Neste sexto número, *Galáxia* apresenta contribuições inéditas para se compreender a dimensão sensorial da imagem no cinema e nas artes, a semiótica da guerra, a dinâmica dos gêneros e formatos na comunicação mediada, a noção de *design* como intervenção cultural, a semiose dos gestos no discurso político veiculado pela mídia, o imaginário e o espaço na cibercultura. Esses são alguns dos temas de que o exercício competente do pensamento sobre a comunicação na cultura não pode prescindir.

Para a seção fórum, o incansável investigador da imagem Jacques Aumont nos ofertou uma de suas mais recentes pesquisas sobre a base sensorial da imagem. Em seu ensaio, examina o processo de superposição a partir da continuidade da imagem móvel e da descontinuidade da montagem. Esse é um tema que não apenas redimensiona as bases semióticas do cinema, como também revela a interferência que o processo cinematográfico continua exercendo na constituição da linguagem audiovisual como um todo. A abordagem de Aumont é surpreendente e, até agora, única, daí a decisão de dedicar a ela todo o espaço da seção. Trata-se de um trabalho que teve uma edição restrita no *Les Cahiers du Musée National d'Art Moderne* (MNAM) de Paris, uma publicação quadrimestral, editada por Jean-Pierre Criqui

(historiador e crítico de arte), e voltada para a discussão da arte contemporânea na França. Vinculado ao Centre Georges Pompidou, o MNAM abriga uma das mais importantes coleções públicas sobre a criação no século XX. O texto traduzido por Alexandre Figueiroa é, de certo modo, uma publicação inédita: além da pesquisa iconográfica os tópicos foram especialmente organizados para a publicação em português. Com isso, Jacques Aumont busca criar novos canais de interlocução entre os pesquisadores brasileiros. *Galáxia* agrade não apenas a Jacques Aumont como também a Jean-Pierre Criqui o prioridade de publicação.

Contamos igualmente com a confiança do pesquisador e ensaísta Eduardo Neiva, brasileiro radicado nos Estados Unidos, que nos ofertou um trabalho atualíssimo sobre um tema que também começa a ganhar projeção e a provocar reflexões mais pontuais: a semiótica da guerra. Neiva é um problematizador de questões e, com isso, estabelece rotas inimagináveis para os temas que analisa. Sua escolha não poderia ser mais rica: como um conflito de proporções da guerra do Peloponeso, pode ser avaliada a partir de um sistema semiótico tão precisamente articulado que é a oração fúnebre. Da análise dessa organização discursiva Neiva extrai lições que se acomodam perfeitamente no cenário de nossa discussão contemporânea sobre a guerra. Redimensionar o discurso político da guerra por meio dos epitáfios, da cidade, da cultura é uma forma de examinar os diversos níveis de semiose propiciadas pelos confrontos de largas dimensões sociais.

Uma outra leitura semiótica da guerra nos foi oferecida pelo artista catalão Antoni Muntadas. Muntadas recolheu imagens de gestos de políticos envolvidos na última guerra do Iraque. George Bush, Tony Blair, Saddam Hussein e outros mostram as inflexões de seus pensamentos que ganham toda uma força expressiva em marcantes gestos de mãos. O ensaio dessas imagens consta da capa e também da seção Projeto..

O crescimento de oferta de textos recebidos para a organização desta edição de *Galáxia* nos obrigou a solicitar um trabalho mais intenso do conselho editorial para a seleção de artigos. Agradecemos de antemão o trabalho rigoroso e competente de nossos pareceristas que não mediram esforços para selecionar os textos que contribuem para o aprimoramento do padrão de qualidade de *Galáxia*. Com isso, podemos publicar artigos sobre questões que formam as balizas que anunciamos como configuradoras do pensamento atual. São eles: a perspectiva e percepção do espaço (por Suely Frago); a semiose na canção cubana (por Sidney Molina); a importância da organização sensorial em programas como os *reality show* (por Fernando Andacht); e, finalizando a seção de artigos, o provocante estudo sobre o imaginário tecnológico da cultura contemporânea (por Erick Felinto).

A importância do espaço urbano e da cidade, da percepção na cultura foi um tema que não ficou restrito aos artigos mas foi calorosamente discutido na seção Diálogo, organizado com todo empenho por Lucrecia D'Aléssio Ferrara e seu grupo de pesquisa interdisciplinar sediado na FAU-USP. Durante mais ou menos duas horas, os pesquisadores discutiram suas idéias de *design* como intervenção cultural no espaço urbano. Para isso, os pesquisadores mostraram a importância das modificações que estão ocorrendo nas áreas de conhecimento envolvidas: arquitetura, *design*, urbanismo e como a universidade está administrando essas confluências.

Não foi apenas o grupo de pesquisa que se dispôs a conversar com *Galáxia* e enriquecer o espaço de nossa discussão com os temas emergentes de suas pesquisas. Em meio à apertada agenda de lançamento de seu filme documentário *Edifício Master*, no Recife, Eduardo Coutinho arrumou um tempo para conversar sobre seu cinema cujas idéias resultaram na entrevista.

Garantindo nosso compromisso de resenhar os títulos importantes da área, contamos com o trabalho de resenhistas que prontamente concordaram em ler e escrever sobre publicações recentes: a reedição do livro de Glauber Rocha sobre a revisão do cinema brasileiro (por Josette Monzani); as relações entre cinema e literatura, de Sylvie Debs (por Alexandre Figueiroa); o papel da televisão na eleição de Lula, de Antonio Fausto Neto e Eliseo Veron (por Antonio Faro); análises de textos culturais dentro de uma perspectiva semiótica, de Aldo Bizzoch (por Vander Casiqui); as relações entre *design* e espaço urbano, de Lucrecia d'Aléssio Ferrara (por Raquel Rennó); análise semiótica da televisão, de Fernando Andacht (por Geraldo do Nascimento).

As notícias deste número destacam a morte de Julio Plaza e de Ilya Prigogine. Graças à prontidão de estudiosos, as idéias e trabalhos dessas personalidades de nosso meio intelectual foram resenhadas.

* * *

Running research papers that give rise to debates and are also able to introduce study approaches and methodologies in their own domain each, by prioritising a semiotic viewpoint, is one of the purposes that has led the editing of *Galáxia*. The publication of today matters and subjects, as guiders as innovators in thought, rules this "letter of intent". The fortune has not abandoned us up to now, thanks to the collaborators whose trust has been placed in this journal so far.

Throughout this sixth issue, *Galáxia* makes newly contributions towards understanding the sensorial dimension of image – both in cinema and fine arts –, the semiotics of war, the dynamics of genres in mediated communication, the notion of *design* as cultural intervention, the semiosis of gestures in media-delivered political speeches, and the imaginary and space inside cyberculture. Those are some themes the competent thinking workout of which ought never to set aside whilst concerning communication in culture.

In *Fórum* section, the unresting enquirer of image Jacques Aumont has offered to us one of his most recent researches on the sensorial basis of image. In his essay, he examines the overlaying process as from the continuity of motion picture and the discontinuity of film editing. That paper re-elaborates on the semiotic ground of cinema, as well as reveals how the cinema process is still interfering with the audiovisual language constitution as a whole. The Aumont's approach is surprising and, up till now, unique. This is to say that the room dedicated to it has deserved the *Fórum* section entirely. This work was firstly published by the art critic and historian Jean-Pierre Criqui in a short version, with the four-month basis journal *Les Cahiers du Musée National d'Art Modern* (MNAM) in Paris, which is addressed to contemporary art debates in France. The MNAM is linked to the *Centre Georges Pompidou* and holds one of the most substantive public collections covering the inventions of the 20th century. That original text remains, as it were, an unpublished research insight, and has been translated into Portuguese by Alexandre Figueroa. Besides the careful iconographic survey, all topics have been specially organized to this Portuguese edition. Thus, Jacques Aumont seeks after novel channels of discussion with Brazilian researchers. *Galáxia* is grateful to Jacques Aumont, as well as to Jean-Pierre Criqui for this publication priority.

We also count upon a contribution by Eduardo Neiva, a Brazilian researcher and essayist who lives in USA nowadays. He has sent us an up-to-the-minute work regarding a subject recently spread out worldwide as one of those that rouses accurate ponderations: the semiotics of war. Neiva is a matter-making enquirer, so that he succeeds to set up unthinkable routes to the subjects he touches upon. His choice could be any richer: from the conflict with such a magnitude as the War of Peloponense, he manages to analyse a very well-argued semiotic system, like a dirge. After examining the organisation of that discourse, Neiva brings us round to some food for thought matching our contemporary debates on war. Remeasuring the political speech of war conveyed by epitaphs, town and culture is a way of investigating several levels of semioses made possible by conflicts of wide social penetrations.

Another semiotic understanding of war has been introduced by the Catalan artist Antoni Muntadas. He has joined together some pictures on politicians' gestures during last war in Iraq. George Bush, Tony Blair, Saddam Hussein, for instance, show their belief tendencies growing in powerful utterance whilst moving hands notably. Those pictorial essays are presented both in our cover and in the *Projeto* section.

The increasing amount of texts received in order to be published here has obliged the editorial board of *Galáxia* for a more discerning evaluation of the papers. We would like to first thank our advisers for their punctilious, competent selection of all writings qualified to improve *Galáxia* above the standards. This makes us better able to disclose reference papers for configuring the modern thought as follow: perspective and perception of the space (by Suely Fragoço), the semiosis in Cuban song (by Sidney Molina), the relevance of sensorial organisation in TV programmes, like reality shows (by Fernando Andacht), and finally in this section, the provocative on the technological imaginary of contemporary culture (by Erick Felinto).

The importance of subjects like urban space, town and perception in culture has also been picked up on to worth discussion in *Diálogo* section. Professor Lucrécia D'Aléssio Ferrara – and her interdisciplinary research group at the Architecture and Urban Planning College of University of Sao Paulo (FAU-USP) – arranged a round-table meeting for about a couple of hours, when the researchers brainstormed *design* as cultural intervention in urban space. On that occasion, the researchers focused on changes occurring in all areas of knowledge involved – design, architecture, urban planning – and how the university is coping with those convergences.

Not only that research group was interested in talking to *Galáxia* to enrich our space for discussion with its core subjects of investigation. Out of a busy agenda for launching his new documentary film *Edifício Master*, shot on location in Recife, Eduardo Coutinho agreed to meet us to speak about his cinema, whose topics came in an interview.

Reliable critics establish our board of reviewing just published titles, so we take the responsibility to offer remarkable book reviews of the area: the new edition of Glauber Rocha's book on Brazilian cinema review (by Josette Monzani); Sylvie Debs' particulars in common between cinema and literature (by Alexandre Figueroa); Antonio Fausto Neto and Eliseo Veron's TV role on the President Lula election (by Antonio Faro); Aldo Bizzoch's analyses of cultural texts from a semiotic perspective (by Vander Casaqui); Lucrécia D'Aléssio Ferrara's commonalities between design and urban space (by Raquel Rennó); Fernando Andacht's television semiotic analysis (by Geraldo do Nascimento).

We open this editorial in memory of the professor and poet Haroldo de Campos. Nonetheless, we were already taken by surprise when Julio Plaza and Ilya Prigogine passed away. Their lifetime ideas and works are under review, thanks to the prompting of experts.

IRENE MACHADO

Editora Científica / Scientific Editor